UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)

# EDUCAR PELA PESQUISA: O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

AUTOR: LAURO ROBERTO FERREIRA OLIVEIRA
ORIENTADOR: PROF Dr. JOAQUIM TAVARES DA CONCEIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROFHISTÓRIA Mestrado Profissional em Ensino de História
CAPES

# FICHA TÉCNICA

**Título da Obra** – Educar pela pesquisa: o uso da História oral no ensino de História
**Autor** – Lauro Roberto Ferreira Oliveira
**Orientador** – Prof Dr. Joaquim Tavares da Conceição
**Assuntos** – Educar pela pesquisa, ensino de História e História oral na sala de aula;
**Pesquisa** – Lauro Roberto Ferreira Oliveira
**Linha de pesquisa** – Saberes históricos no espaço escolar
**Primeira revisão** – Loureli Sampaio Teles
**Revisão acadêmica e final** – Juliano Beck
**Diagramação e suporte de TI** – José Nunes Lázaro
**Ilustração de Capa** – Pedro Lima
**Projeto Gráfico** – José Nunes Lázaro e Lauro Roberto Ferreira Oliveira
**Ilustração do texto** – Lauro Roberto Ferreira Oliveira (app Avatoon)
**Número da Edição** – 01
**Número de Páginas** – 27
**Formato digital** – Cartilha

**Ano** – 2022

# AUTOR

**Lauro Roberto Ferreira Oliveira:**

Professor de História da rede pública do município de Seabra/BA, graduado em Letras Vernáculas (2009) e em História (2014) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Pós-graduando em História Social pela Universidade Norte do Paraná (Unopar) e mestrando em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente desenvolve os projetos Aquilombar Memórias e Emar Literário na Escola Alvina Rocha onde é lotado.

Currículo Lattes

@professorlauro Clique

## ORIENTADOR

**Joaquim Tavares da Conceição:**

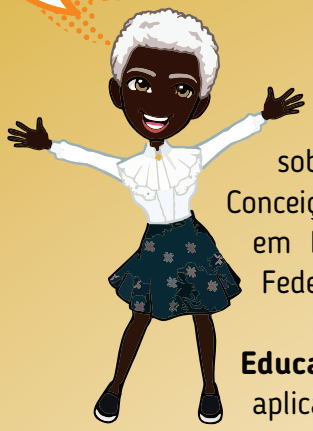
Bolsista de Pós-Doutorado Sênior vigente do CNPq. Doutor em História (UFBA), Mestre em Educação (UFS), graduado em História (UFS), Bacharel em Direito (Unit), Especialização em Direito Processual (UFSC). Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe com atuação no Colégio de Aplicação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFS) e no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

Currículo Lattes Clique

# SUMÁRIO


1. Apresentação----------03
2. Ícones e comandos da cartilha----------03
3. Educar pela pesquisa----------04
3.1 Livros, artigos e vídeos que ajudam a compreender o Educar pela pesquisa ----------05
4. O que é história oral ----------06
4.1 Os gêneros narrativos da história oral----------07
4.2 Livros, artigos e vídeos que ajudam a compreender a metodologia da história oral ----------08
4.3 Comunidade de destino, colônia e rede----------09
4.4 Aplicando os conceitos: gêneros narrativos, comunidade, colônia e rede----------10
5. A história oral na sala de aula----------12
5.1 Dialogando com autores 1---------- 13
5.2 Alguns pontos a serem considerados ao trabalhar com história oral na sala de aula---------- 14
5.3 Como esse processo se deu no Projeto Aquilombar Memórias--------15
6. A estrutura do projeto ----------16
6.1 Pensando um projeto de história oral---------- 16
6.2 Dialogando com autores 2 ----------17
6.3 Etapas----------18
7. O Projeto Aquilombar Memórias: aplicação e autoria ----------23
8. Ufa!! Chegamos ao fim!----------25
9. Referências ----------26

# 1. APRESENTAÇÃO




**Olá professores e professoras!**

Apresentamos a vocês a presente cartilha que é parte integrante da pesquisa do professor Lauro Roberto Ferreira Oliveira, desenvolvida sob orientação do professor Dr. Joaquim Tavares da Conceição, no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe.

A pesquisa encontra-se detalhada na dissertação **Educar pela pesquisa:** uma abordagem a partir da aplicação da História oral no ensino de História.

Nosso propósito aqui é contribuir, de forma introdutória, com quem deseja trabalhar na perspectiva do Educar pela pesquisa aplicando os pressupostos da história oral.

A demanda de aplicação da metodologia da história oral tem crescido no Brasil. Entre outros aspectos, ela diversifica os caminhos em direção ao conhecimento, valoriza a autonomia do aluno que age sobre a produção de saber de forma colaborativa e ajuda a despertar as perspectivas que falam em favor de um reforço da consciência histórica, científica, cultural das pessoas e de suas comunidades.

A pesquisa com história oral ajuda o estudante a entender que a história não é feita somente por grandes homens, com seus grandes feitos – mas abrange, igualmente, as histórias de todos os outros indivíduos, com suas tradições, práticas, saberes, projetos, desejos, expectativas, emoções e frustações.

# 2. ÍCONES E COMANDOS

Esses são os ícones e comandos para você explorar melhor as contribuições da nossa cartilha.

CLICAR PARA ABRIR O LINK DO YOUTUBE

CLICAR PARA ABRIR O LINK DE PESQUISA

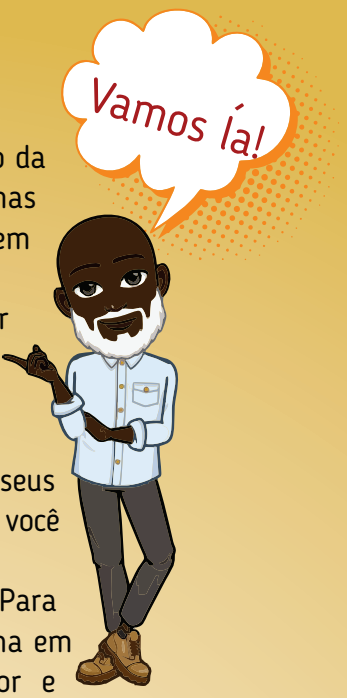
CLICAR PARA ABRIR O LINK DO INSTAGRAM

CLICAR PARA ABRIR O LINK DO MAPS

CLIQUE
CLICAR PARA ABRIR O LINK

CURRICULO LATTES

# 3. EDUCAR PELA PESQUISA




Compreendemos que educar pela pesquisa é se contrapor à simplificação da aula copiada, meramente expositiva, reprodutivista; é possibilitar aos alunos formas de protagonizar, produzir conhecimento e agir criticamente diante da realidade em que estão inseridos.

Defendemos que é preciso ir além da noção superficial de pesquisa escolar pautada no senso comum e desenvolver formas de produção do conhecimento histórico com os alunos e alunas como resultado de uma prática educativa com princípio científico.

Ao fomentar a pesquisa explorando seus fundamentos básicos, orientando seus alunos e construindo as possibilidades de pesquisa com o protagonismo discente, você estará em perfeita consonância com o educar pela pesquisa.

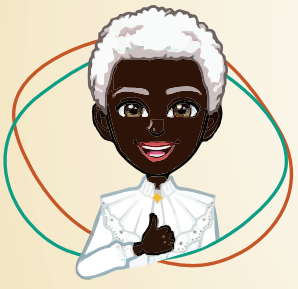
Se você tem dificuldades nesse processo, não se preocupe. Tudo é gradual! Para educar pela pesquisa é preciso que o/a professor/a adote como prática cotidiana em suas aulas o comportamento investigativo, mediador, dinâmico, desafiador e democrático. Assim, é possível formar sujeitos com conhecimento inovador que se reconstrói e se reposiciona na sociedade com protagonismo e senso científico.

O mundo moderno exige saberes reconstrutivos que somente a pesquisa como prática cotidiana é capaz de fornecer. Trata-se de uma ferramenta para discernir entre fato e *fake news*, entre certo e errado, entre o que constrói e o que destrói. Educar pela pesquisa implica em construir pedagogicamente os pilares de uma sociedade formada por sujeitos conscientes, protagonistas de seus próprios projetos de vida.

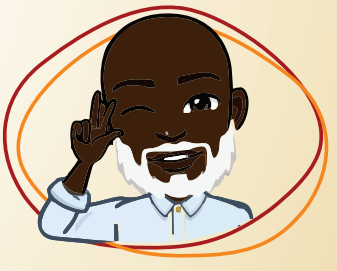
O desafio é que professores/as e alunos/as manejem a pesquisa como princípio científico e educativo, como atitudes investigativas construídas para a vida em sociedade. Além da escola e seu currículo implementado com os alunos, é também na vida prática que acontecem as disputas de narrativas, a elaboração, difusão, hierarquização de conhecimento e a disputa pelo poder que dele emana.

Por isso, convidamos você para essa pequena jornada. Se você ainda não tem uma trajetória na pesquisa acadêmica, fique tranquilo/a. Compreendemos que todo/a professor/a do Ensino Básico pode não ser um/a "profissional da pesquisa", mas seguramente é um/a "profissional da educação pela pesquisa", como nos lembra Pedro Demo (2015).

Educar pela pesquisa põe em evidência o protagonismo dos/as alunos/as e possibilita-lhes desenvolver competências autorais para produzir gêneros comunicativos diversos como mecanismo de empoderamento, afirmação do conhecimento e do seu lugar no mundo.



Interessante, não é?!



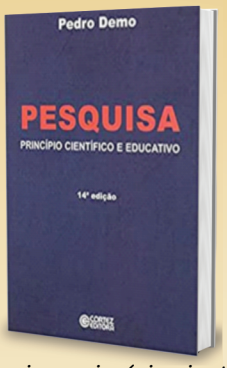
# PARA SABER +

## 3.1. LIVROS E ARTIGOS QUE AJUDAM A COMPREENDER O EDUCAR PELA PESQUISA

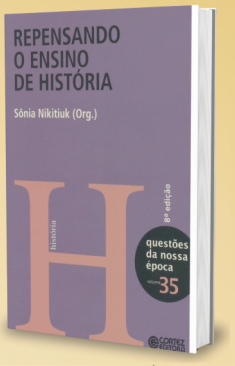
>> Os livros que apresentamos a vocês fundamentam a concepção do educar pela pesquisa que defendemos nesta cartilha. Pedro Demo traz uma perspectiva da pesquisa como princípio educativo como uma especificidade da educação escolar e acadêmica; Marcos Bagno argumenta em favor da ciência e contra a simplificação da pesquisa fundamentada na reprodução; e no livro Repensando o Ensino de História, em artigo, Paulo Knauss defende a pesquisa em sala de aula e o protagonismo dos alunos nas aulas de história com mediação ativa dos professores.

> *Educar pela pesquisa*
Pedro Demo

> *Pesquisa na Escola*
Marcos Bagno




> *Pesquisa: princípio científico e educativo*
Pedro Demo




> *Repensando o ensino de História.*
Org. Sônia Nikitiur

>> Artigos, e-books e vídeos que ajudam a compreender a concepção de educar pela pesquisa.

CLIQUE Pedro demo: **atividades de aprendizagem**, sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante

CLIQUE Paulo Knauss: **o desafio da ciência: modelos científicos no ensino de História**

CLIQUE Laís Basso e Marcus Eduardo Maciel Ribeiro: **A docência e a formação do estudante em produções científicas que tematizam a pesquisa como princípio educativo**

CLIQUE Ana Rita Martins e Anderson Moço: **como ensinar por meio da pesquisa**

>> Vídeos no You Tube

**Ensinar Exige Pesquisa**

**Pedro Demo fala sobre Educação pela pesquisa**

# 4. O QUE É HISTÓRIA ORAL?

Toda pesquisa exige método. Você pode escolher o que mais se adequa com sua proposta. Aqui eu e a Odara vamos apresentar a metodologia da história oral. Esse método é utilizado no Brasil todo e em Seabra/Ba, especificamente, foi utilizado com sucesso pelo professor Lauro Roberto no projeto Aquilombar Memórias na Escola Alvina Rocha.

O percurso que vamos apresentar aqui é a base do que foi desenvolvido no projeto Aquilombar Memórias. O primeiro passo é sempre conhecer o que se pretende trabalhar. Para aplicar a metodologia, alunos/as e professores/as precisam saber o que é história oral. E isso aponta para a necessidade de ler e trabalhar com os alunos referenciais que ajudem na compreensão da história oral. Esse caminho foi utilizado no projeto da Escola Alvina.

Mas, o que é História oral? Nós concordamos com a definição dos professores José Carlos Sebe Meihy e Fabíola Holanda (2015), que afirmam que a história oral

> *"é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.* (MEIHY; *HOLANDA, 2015, p.15)"*

Essa definição volta-se para os procedimentos e as etapas do trabalho com a história oral, mas, a Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro (2013) apresenta uma definição mais geral que ajudar na compressão da história oral como uma metodologia que vai além de entrevistar pessoas. Ela afirma que história oral é

> *"Processo de trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de sujeitos considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos. (RIBEIRO, 2013, p.13)"*

Essa definição é importante porque compreende a entrevista como mediação, interlocução, como acesso à experiência. Portanto, não se limita à simplicidade de gravar, apertar o play. É preciso pensar toda a articulação do projeto com a mediação da produção da memória. Fazer história oral exige certa complexidade, mas que é facilmente transponível quando o professor aceita o desafio de educar pela pesquisa.

**Aceita nosso convite para esse desafio?**

# 4.1. OS GÊNEROS NARRATIVOS DA HISTÓRIA ORAL

De acordo com o professor Meihy são quatro os grandes campos de entrevistas:

Cada um desses gêneros implica em procedimentos com critérios próprios de condução, pois cada um deles carrega em si propósitos específicos. **História oral temática**, por exemplo, é apropriada para projetos de pesquisa que busquem esclarecer um tema em particular por meio dos relatos de pessoas; a **História oral de vida**, se adequa melhor a projetos de pesquisa que buscam estudar as experiências de vida de uma pessoa de uma dada comunidade; já a **História oral testemunhal** pede projetos que, entre outros aspectos, busquem registrar narrativas sobre grupos ou pessoas que vivenciaram traumas; e a **Tradição oral** serve perfeitamente a projetos de pesquisa que se propõem a explorar questões das tradições locais e, sobretudo, que produzam conhecimento sobre comunidades tradicionais e comunidades marcadas predominante pela oralidade como forma principal de transmissão de saberes.

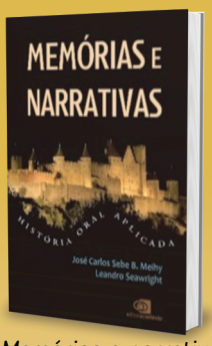
O uso da história oral na sala de aula exige a compreensão de sua natureza, suas características e potencialidades. Isso significa que não se trata apenas de uma questão prática em que a partir de uma entrevista tudo está consumado. Para isso, boas referências são fundamentais. Para contribuir vamos indicar alguns livros e artigos que podem contribuir com seu trabalho.

**Odara dará uma dica top a vocês!**

# PARA SABER +

## 4.2. LIVROS, ARTIGOS E VÍDEOS QUE AJUDARAM A ENTENDER A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

Os livros apresentam ótimas contribuições para quem deseja trabalhar com a história oral. Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães tratam especificamente da aplicação didática da história oral na sala de aula; e José Carlos S. B. Meihy, Fabíola Holanda, Leandro Seawright e Suzana Ribeiro trazem contribuições mais amplas que tratam do estatuto da história oral, suas técnicas, aplicações e análises que podem ser exploradas no ensino básico e no universo acadêmico.




> *Memórias e narrativas.*
Meihy e Seawright

> *Guia Prático de História Oral*
Meihy e Zuzana Ribeiro

> *História Oral na Sala de Aula*
Santhiago e Magalhães

> *História Oral: como fazer, como pensar*
Meihy e Holanda

>> E-books e vídeos que ajudam a compreender a concepção de educar pela pesquisa.

CLIQUE Carvalho e Ribeiro: História oral na educação: memórias e identidades.

>> **Vídeos no You Tube**

O que é História Oral? Professor Sebe explica

História Oral: Panorama Histórico e Reflexões para o Presente

# 4.3. COMUNIDADE DE DESTINO, COLÔNIA E REDES

Para definir o tema pode-se organizar os caminhos da pesquisa partindo do mais amplo para o mais específico. Em história oral pode-se falar em "**comunidade de destino**", "**colônia**" e "**redes**".

Um projeto de história oral, geralmente, tem relação com um grupo que compartilha vivências em comum e, portanto, é marcado pela força dos vínculos dos acontecimentos relevantes que fazem parte da memória coletiva. Esse grupo forma a **comunidade de destino**.

Esse grupo mais amplo se divide em colônias que são compostas por parcela de pessoas que se identificam com aspectos gerais da comunidade de destino.

**As redes** são subdivisões das colônias e, portanto, podem ser compreendidas como as partes menores de uma comunidade de destino.

A aplicação da história oral pode se dar em qualquer segmento social, seja em centros urbanos ou áreas rurais. No entanto, é recomendável considerar os gêneros narrativos e definir a "**comunidade de destino**", a **colônia** e a **rede**. Apresentamos, a seguir, exemplos de possíveis temáticas de projetos de história oral, considerando esses aspectos e as comunidades quilombolas de Seabra.

# 4.4 APLICANDO OS CONCEITOS: GÊNEROS NARRATIVOS, COMUNIDADES, COLÔNIAS E REDES

Vamos apresentar a seguir alguns exemplos considerando um possível projeto que busque trabalhar com história oral. Utilizamos como ponto de partida as comunidades quilombolas de Seabra, mas é possível aplicar em outros contextos.

Numa comunidade quilombola, pesquisar **história oral de vida** é sobretudo entrevistar personagens constitutivos da memória individual e coletiva com trajetória ancestral própria, marcante e protagonistas de eventos que se inserem na vivência e no imaginário local.

Em Seabra/Ba, lideranças como Júlio Cupertino (em memória), Jaime Cupertino, Raimundo Januário, Carmelice Silva, João Evangelista, Raimundo da Cachoeira, entre outros, têm trajetórias de vida marcantes na luta pelo reconhecimento das comunidades. Narrar suas histórias de vida ajuda a contar as histórias dos quilombos de Seabra.

## EXEMPLOS APLICADOS A UM PROJETO

Considerando as comunidades quilombolas de Seabra.

### TEMA

História oral de vida de quilombolas de Seabra: a experiência de reconhecimento da titulação dos territórios

**Gênero narrativo**
História oral de vida.

**Comunidade de Destino**
Lideranças que lutam para o autoreconhecimento e a titulação das terras no município de Seabra.

**Colônia**
Líderes quilombolas que têm sua origem nas comunidades de Vazante e Baixão Velho

**Redes**
Os irmãos Cupertino e a luta pelos territórios quilombolas

Igualmente, caso a escolha seja trabalhar com **história oral temática**, num quilombo, tomando Seabra como exemplo, as possiblidades são muitas. Entre os temas significativos a serem investigados podem ser relacionados: a formação dos quilombos e seus primeiros habitantes, o acesso à educação no quilombo, memórias das mulheres, aspectos econômicos, racismo, reconhecimento do território quilombola, migração para São Paulo, modo de vida coletivo e sistema de convivência solidário, permanência e mudanças na estrutura educacional, econômica, cultural e religiosa do quilombo, os papéis das mulheres na organização comunitária e familiar; a importância das parteiras, memórias sobre saúde nos quilombos, a anemia falciforme na população negra, etc.

## EXEMPLOS APLICADOS A UM PROJETO

Considerando as comunidades quilombolas de Seabra

### TEMA

Memórias de comunidades quilombolas de Seabra atingidas por atividades mineradoras e barragens

**Gênero narrativo**
História oral temática

**Comunidade de Destino**
Comunidades quilombolas de Seabra atingidas por barragem e que possuem atividade mineradora

**Colônia**
Comunidade quilombola de Seabra que passa por reassentamento em função de construção de barragem

**Rede**
Quilombolas da comunidade de Vazante que fazem parte do reassentamento

Todos esses pontos podem ser objeto de investigação nos quilombos de Seabra. Caso o/a professor/a, após ouvir os alunos, resolva organizar o projeto a partir da **História oral testemunhal,** poderá, entre outros, investigar: violência contra mulheres, racismo, acidentes fatais envolvendo comunitários; suicídios, litígios por questões de terra; assassinatos envolvendo vítimas ou algozes das comunidades, etc.

## EXEMPLOS APLICADOS A UM PROJETO

Considerando as comunidades quilombolas de Seabra

### TEMA

As comunidades quilombolas de Seabra e a luta contra o racismo estrutural e institucional

**Gênero narrativo**
História testemunhal

**Comunidade de destino**
Os quilombolas do município de Seabra e a restistência contra o racismo

**Colônia**
Alunos e alunas quilombolas que estudaram o Ensino Médio na Sede do município de Seabra

**Redes**
Alunos e alunas vítimas de racismo em escolas estaduais de Seabra no período de 2002 a 2007

E por fim, se a escolha for trabalhar com a **Tradição oral**, é recomendado que busque expressões culturais e manifestações da religiosidade popular, tais como: reisado, batuque, coco, Boi de Mariá, cantigas de rodas, chulas, leilões, vésperas de casamento, festas de padroeiro, catolicismo, chegada das denominações evangélicas nas comunidades; marcas de religiosidade afro-brasileira, sincretismo, reza para chover, novenas, reza para curar mordidas de cobra, reza para almas, reza contra olhado, reza de espinhela caída, reza de engasgo, benzedeiras, devotos de Cosme e Damião, de São João, de São Pedro e Santo Antônio, vias sacras, romeiros, pagamento de promessas, crismas na fogueira, etc.

## EXEMPLOS APLICADOS A UM PROJETO

Considerando as comunidades quilombolas de Seabra

### TEMA

Manifestações culturais nas comunidades quilombolas de Seabra: a cultura e a fé como forma de afirmação de identidades.

**Gênero narrativo**

Tradição oral

**Comunidade de destino**

Os quilombos do município de Seabra e seus aspectos culturais e identitários

**Colônia**

Edições do Encontro de cultura e fé nas comunidades quilombolas de Seabra

**Redes**

Os grupos de reis das comunidades quilombolas que participam do encontro de Cultura e fé no Agreste.

# 5. A HISTÓRIA ORAL NA SALA DE AULA

Não existe uma forma única de trabalhar com a história oral na sala de aula. Não se trata de receita ou de formato infalível, mas, todo trabalho com essa metodologia exige um projeto. É fundamental que cada docente busque, de acordo com seu contexto, construir à sua maneira de viabilizá-lo. É necessário conhecer autores que tratam sobre o tema e identificar quais caminhos eles apontam.

É preciso pensar na ideia do projeto de história oral como um evento de pesquisa que envolve o registro de memórias individuais e coletivas que dizem muito sobre o pertencimento e a identidade das pessoas e de seus grupos. Portanto, memória é um conceito fundamental para quem vai trabalhar com história oral. É preciso considerar que a narrativa a ser registrada a partir da entrevista com a colaboradora da pesquisa constitui-se a partir de acontecimentos, de personagens e de lugares e esses são, na perspectiva do pesquisador Pollak, os elementos constitutivos da memória.

**PARA SABER +**

Clique para acessar o Artigo Memória e identidade social do Michael Pollak

# 5.1 DIALOGANDO COM AUTORES

**Sobre esse processo vamos conhecer um pouco do que pensam os autores do livro *História oral na sala de aula.***

Olá Ricardo Santhiago!! Olá Valéria Magalhães!

O que os/as professores/as precisam definir antes de, junto aos alunos, começarem a pensar sobre a pesquisa com a história oral?

Olá Levi! "É fundamental que o professor já tenha definido as estratégias pedagógicas para uso do trabalho com história oral; quais disciplinas estarão envolvidas e quais relações destas com as fontes, memórias de expressão oral e, sobretudo, a relação do trabalho de pesquisa com o Projeto Político Pedagógico /PPP da escola. (SANTHIAGO, 2015, p. 57)''

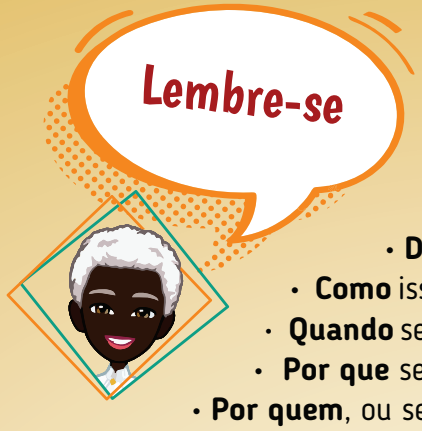
É isso Levi! Além desses pontos, "o/a professor/a precisa saber o que esperar do aluno em termos de desenvolvimento pessoal e intelectual a partir da atividade de pesquisa. É preciso dimensionar os resultados esperados a curto e logo prazo e as formas de divulgação e apresentação deles. (SANTHIAGO, 2015, p. 57)''

# 5.2 Alguns pontos a serem considerados ao trabalhar com História oral na sala de aula

**"Qualquer resposta ao desafio da História oral obrigatoriamente parte de alguns pontos:**

1. É um ato premeditado, realizado segundo a orientação expressa em um projeto;
2. É um procedimento que acontece no tempo real da apreensão que, para tanto, necessita de personagens vivos colocados em situação de diálogo;
3. Ao assumir-se como manifestação contemporânea, a história oral mantém vínculo inevitável com o imediato e isso obriga a reconhecer o enlace da memória com modos de narrar;
4. A história oral, ao valer-se da memória, estabelece vínculos com identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins;
5. O espaço e o tempo da história oral, portanto, são o "aqui" e o "agora", e o produto é um documento;
6. Como manifestação contemporânea, a história oral se vale dos aparatos da modernidade para construir, então, além de pessoas vivas reunidas para contar algo que lhes é comum, a eletrônica se torna meio essencial para sua realização''

MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 14 e 15.




Os alunos são parte fundamental do processo. Busque sempre o diálogo e construa com eles o projeto.

Planeje situações de aprendizagem em que ao final os alunos saibam:

- **O que** é a pesquisa;
- **De quem** pretende-se investigar a história;
- **Como** isso será feito, ou seja, quais os procedimentos da pesquisa em história oral;
- **Quando** será desenvolvida cada etapa da pesquisa (cronograma);
- **Por que** se deve pesquisar;
- **Por quem**, ou seja, quem são os colaboradores que desenvolverão a pesquisa;
- **E para quem**, a que público se destinam os resultados.

Vamos para a próxima página para sabermos como este processo aconteceu no projeto Aquilombar Memórias, desenvolvido pelo professor Lauro na Escola Alvina Rocha em Seabra/BA

Projeto AQUILOMBAR MEMÓRIAS

## 5.3 COMO ESSE PROCESSO SE DEU NO PROJETO AQUILOMBAR MEMÓRIAS

Os sentidos da pesquisa

| | No projeto Aquilombar Memórias | **Significado pedagógico – Educar pela pesquisa** |
|---|---|---|
| **O que** | Memórias narrativas da comunidade quilombola de Agreste. | **Definição da linha de pesquisa, do recorte temático, do local e do método investigativo;** (exige considerar a relevância, o espaço, a circunstância, a população a ser pesquisada, definição do campo de observação e a compreensão do método) |
| **Para que** | Conhecer e registrar as memórias narrativas da comunidade quilombola de Agreste. | **Definição dos objetivos da pesquisa:** (exige considerar a relevância, o espaço, a circunstância, a população a ser pesquisada, definição do campo de observação, a compreensão do método, e onde se deseja chegar) |
| **Como** | Aplicando os presupostos da metodologia da História oral por meio de entrevista e análise das fontes produzidas. | **Definição, clareza do propósito da pesquisa e da metodologia;** (exige critérios de seleção, exclusão, adição, organização e hierarquização de informações e processos claramente definidos) |
| **Porque** | É importante conhecer as memórias de expressão oral da comunidade; e, as entrevistas são meios indispensáveis para a produção de documentação por meio da gravação e da transcrição. | **Significado da metodologia da História Oral no processo de produção de fontes;** (exige clareza da natureza da pesquisa e do processo rigoroso de produção de documentos históricos usando a metodologia da História oral) |
| **Quando** | Primeira etapa: segundo trimestre de 2021<br>Segunda etapa: terceiro trimestre de 2021 | **Organização temporal do processo de aplicação da pesquisa;** (exige procedimentos didáticos claros e compatíveis com o propósito e a duração da pesquisa) |
| **Por quem** | Pelos alunos do 9º ano, professor e colaboradores da pesquisa. | **Afirmação dos autores da pesquisa** (exige protagonismo) |
| **Para quem** | Para os alunos, professores, comunidade escolar e quilombolas do Agreste. | **Definição do público-alvo;** (exige foco e linguagem adequada ao destinatário do processo investigativo) |
| **Produtos esperados** | Primeira etapa: produção de documentos históricos a partir das entrevistas;<br>Segunda etapa: produção de artigo científico a partir dos documentos históricos; | **Definição do produto do projeto.** (exige autoria, tempo, método, leitura atenta, crítica, orientação, identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise). |

# 6. A ESTRUTURA DO PROJETO

Então, mantenha seu foco na construção do projeto. Em linhas gerais essa é a estrutura do projeto.

- **Tema**
- **Justificativa**
- **Problemática e hipótese**
- **Corpus documental e objetivos**
- **Procedimentos**
- **Cronograma**

## 6.1 PENSANDO UM PROJETO DE HISTÓRIA ORAL

Aqui vamos considerar possibilidades de pesquisa com história oral numa comunidade quilombola.

Partindo desse ponto, é pertinente que a pesquisa esteja relacionada com as habilidades previstas na BNCC e em consonância com a "inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira''.

No processo de definição dos possíveis focos da pesquisa é fundamental buscar formas de engajar o aluno e levá-lo a compreender a relevância de ser pesquisador.

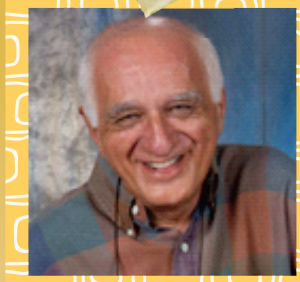
Tomando como exemplo propostas de pesquisas com memórias de expressão oral em comunidades quilombolas, as ações docentes em relação aos alunos devem ser no sentido de torná-los protagonistas no processo investigativo mediando situações de aprendizagens que os levem a produzir conhecimento histórico.

Um projeto de sucesso com a metodologia da história oral é sempre democrático. Portanto, sua formulação deve ser colaborativa. Antes de mandar os alunos irem ao campo é necessário um período de preparação que envolve pesquisa prévia, levantamento dos saberes que os alunos já têm sobre o tema, elaboração e identificação dos objetivos, das situações-problemas e hipóteses que dialogam com os anseios dos/as alunos/as.

Todo o processo deve ser organizado em etapas que podem ser construídas de forma colaborativa entre professores e alunos. Cada etapa deve ser pensada como evento pedagógico que coloque a pesquisa com princípio científico e educativo.

# 6.2 DIALOGANDO COM AUTORES

Professor Meihy e professora Holanda, por que a preparação do projeto é passo tão importante para a pesquisa?



"O projeto é a essência dos trabalhos em história oral. Mais do que mandamentos seguros para encaminhar um estudo, o projeto junta a motivação do trabalho com os procedimentos a serem efetivados para a boa realização da pesquisa. (MEIHY; *HOLANDA, 2019, p. 44)*"

"O projeto é a justificação e o mapa do andamento da pesquisa com entrevistas. Sem ele não se pode falar em história oral.
Como rumo, o projeto em história oral sintetiza as decisões sobre como operar durante todo o processo de investigação, mas não é uma camisa de força. (MEIHY; *HOLANDA, 2019, p. 44)*"

# 6.3 ETAPAS

É relevante que a ideia do projeto seja apresentada nas atividades complementares da escola (planejamento); a coordenação pedagógica, a gestão da escola e demais professores podem e devem contribuir muito com o processo.

Antes mesmo de começar a pensar na pesquisa com os alunos é preciso refletir sobre os seguintes pontos:

## Etapa 1

- O projeto será desenvolvido em uma disciplina específica ou em conjunto com outras?
- O desenvolvimento do projeto tem o apoio da escola, dos(as) professores(as) da sua área e/ou das demais?
- Qual a duração e o alcance do projeto?
- Por que realizar o projeto?
- Por que ele é importante?
- Quais desafios de aprendizagem o projeto apresentará?
- Que resultados se espera do projeto?
- Quais os procedimentos para alcançá-los?
- Quais são seus propósitos como professor?
- Quais parceiros podem fazer parte do projeto dentro e fora da escola?
- Como o projeto vai se adaptar à rotina escolar e ao currículo que está sendo implementado pela rede?
- Existe condições favoráveis para a institucionalização do projeto na Escola?
- Como viabilizar o projeto com várias turmas?

Após essa primeira etapa outros procedimentos ainda são necessários antes da formulação das perguntas. Mas você já precisa ter clareza sobre a "comunidade de destino", ou seja, o escopo geral no qual a pesquisa deve se deter.

Para continuarmos, consideramos aqui, a título de exemplo, uma pesquisa em comunidades quilombolas de Seabra/Ba e vamos apresentar algumas possibilidades de ação que chamaremos de etapa dois.

## Etapa 2

- Identificar o escopo geral da pesquisa sobre os quilombos (**a comunidade de destino**)
- Identificar um aspecto mais particular a ser investigado sobre os quilombos (**colônia**)
- Identificar possíveis **redes** decorrentes dessa colônia;
- Formar grupos produtivos, considerando as competências e habilidades de cada indivíduo em relação às contribuições que pode oferecer;
- Identificar o que os membros de cada grupo possuem de conhecimentos sobre a temática geral de pesquisa;
- Identificar quais elementos constitutivos do quilombo despertam suas curiosidades;
- Identificar quais aspectos são relevantes serem pesquisados para conhecer a história e a cultura do povo quilombola.
- Levá-los a perceber como a investigação de tais narrativas pode contribuir com a comunidade e com suas formações;
- Saber que possíveis elementos (hipóteses) ele gostaria de investigar.
- Identificar as inquietações e promover situações problematizadoras;
- Ajudar os alunos a definir a problemática da pesquisa;
- Ajudar os alunos a identificar o cenário da problemática definida;
- Gerar hipóteses como possíveis soluções para a problemática apresentada;

- Formular objetivos de aprendizagem;
- Planejar e executar medidas pedagógicas, dirigidas a partir do propósito docente e dos objetos de conhecimentos previstos no currículo.
- Buscar informações que ajudem a compreender o escopo geral da pesquisa antes de formular as perguntas e proceder a entrevista;

A sistematização do projeto de história oral a ser desenvolvido na sala de aula deve ser um processo coletivo. Educar pela pesquisa exige protagonismo dos alunos e esse é um processo privilegiado para construir estratégias de pesquisa. Cada etapa é uma oportunidade de produzir engajamento. E cada docente deve criar suas próprias estratégias formulando roteiros de aprendizagens que se adequem com a faixa etária e os níveis de desenvolvimento dos alunos.

O que estamos apresentando aqui são apenas possibilidades já testadas e aprovadas no projeto Aquilombar Memórias da Escola Alvina Rocha em Seabra/BA.

**A próxima etapa é uma das mais importantes quando se quer desenvolver pesquisa com História Oral.**

## ANTES DA ENTREVISTA (pré-entrevista)

Etapa 3

- Identificar os colaboradores que responderão às perguntas;
- Escolher o gênero narrativo da história oral que cada grupo vai focar (**história oral de vida, testemunhal, temática e tradição oral**);
- Ter clareza que as perguntas devem estar a serviço das propostas explicitadas no projeto;
- Ter clareza que a pesquisa em história oral acontece de forma colaborativa entre as partes, portanto, é inadequado o termo a expressão "objeto de pesquisa'' para designar os colaboradores que compartilham suas narrativas e memórias;
- Compreender que em história oral não se discute verdade ou mentira, mas o significado das memórias como expressão de identidade;
- Escolher, preparar e checar de forma criteriosa os equipamentos de gravação (celulares, filmadoras, gravadores digitais, notebooks, etc);
- Combinar com os colaboradores o local, o dia e o horário e o tempo de duração da entrevista;
- Ter clareza que todo o processo antes, durante e após a entrevista deve ser permeado por uma relação ética e respeitosa;
- No primeiro contato e no momento da entrevista, deixar claro o foco do projeto;
- Toda entrevista precisa da autorização prévia do entrevistado;
- Formular as perguntas tendo como foco as "**redes**" indicadas pela "**colônia**'', a problemática e os objetivos da pesquisa discutidos;
- Elaboração de uma pergunta de corte comum a todos os entrevistados de acordo com as escolhas temáticas alinhadas aos gêneros narrativos;
- Avaliar a necessidade do número de perguntas e se haverá ou não estímulos para fomentar narrativa do colaborador;

- Pensar sobre o produto a ser gerado ao final do projeto;
- Deve planejar se a entrevista será apenas arquivada na biblioteca ou centro de memória da escola ou se esse documento (fonte) passará por análises que darão origem ao um novo produto de autoria dos alunos;
- Ter clareza que a aplicação da história oral em mais de uma turma ou grupo pode ensejar em escolhas de **gêneros narrativos**, "**colônias**" e "**redes**" diferentes e que essas escolhas influenciam na formulação da entrevista.

## A ENTREVISTA

Esta é uma etapa sensível. Aqui os alunos já devem ter compreendido o sentido da pesquisa, a quais propósitos ela se dentina e a importância da colaboração entre as partes envolvidas no processo.

### Etapa 4

- Pedir autorização para gravar e usar as entrevistas;
- Iniciar a gravação e antes da primeira pergunta registar os dados preliminares da ficha técnica que acompanhará a entrevista transcrita, como, nome, data, local, horário e referência do projeto.
- A entrevista é sempre um momento de confiança mútua e deve sempre ser permeada por respeito, cuidado e empatia.
- Ouvir com atenção o colaborador e evitar interrupções desnecessárias enquanto o colaborador narra suas memórias;
- Em caso de utilização de estímulos, primar sempre pela brevidade da colocação e pelas expressões que instiguem o colaborador a continuar falando;
- Na entrevista deve ficar patente a valorização do colaborar, que é o protagonista do momento.
- Na entrevista deve ficar claro o interesse dos/as alunos/as e professores/as pesquisadores/as em ouvir, valorizar e registar as expressões orais das memórias e identidade dos colaboradores;
- Recomenda-se que, além da gravação, tenha um caderno de registro de campo;
- Ao final da entrevista, checar a gravação e solicitar a assinatura da carta de cessão de uso da entrevista.

Todo projeto de história oral precisa de um coordenador e o/a professor/a naturalmente deve assumir essa função. Todo esse percurso demanda preparação e cabe ao /a professor/a conduzir os alunos para o protagonismo necessário.

### Etapa 5

## PÓS-ENTREVISTA: TRANSCRIÇÃO; TEXTUALIZAÇÃO; TOM VITAL E TRANSCRIAÇÃO

Vamos saber agora como o professor
José Carlos Sebe B. Meihy pensa as etapas pós-entrevista

Vamos para a próxima página?

**Transcrição**: é a escrita com equivalência imediata ao que foi dito pelo/a colaborador/a. Para muitos pesquisadores em História oral esse procedimento é considerado suficiente para preparar o documento a ser arquivado e analisado.

Contudo, consideramos relevante os procedimentos a seguir, que nos livros já recomendados nesta cartilha são defendidos por José Carlos S. B. Meihy, Leandro Seawright, Fabíola Holanda e Suzana Ribeiro.

**Textualização:** é o reordenamento das ideias do colaborador independentemente da ordem que se apresenta na gravação. Nesse procedimento o pesquisador é autorizado a revisar a pontuação para preservar o entendimento do sentido da fala no momento da entrevista. Portanto, a textualização é formatar um padrão para a narrativa gravada.

**Tom vital:** é o eixo narrativo da textualização que pode ser sintetizado em uma frase carregada de sentido como expressão do todo.

**Transcriação:** incorpora as sutilezas da fala, os silêncios, as marcas culturais, os risos e dores que vão além dos fatos narrados pelos colaboradores. Nesse sentido, o pesquisador fica autorizado a "recriar, reimaginar" o texto segundo as marcas expressas pelo/a colaborador/a que não são captadas pela gravação em áudio ou vídeo.

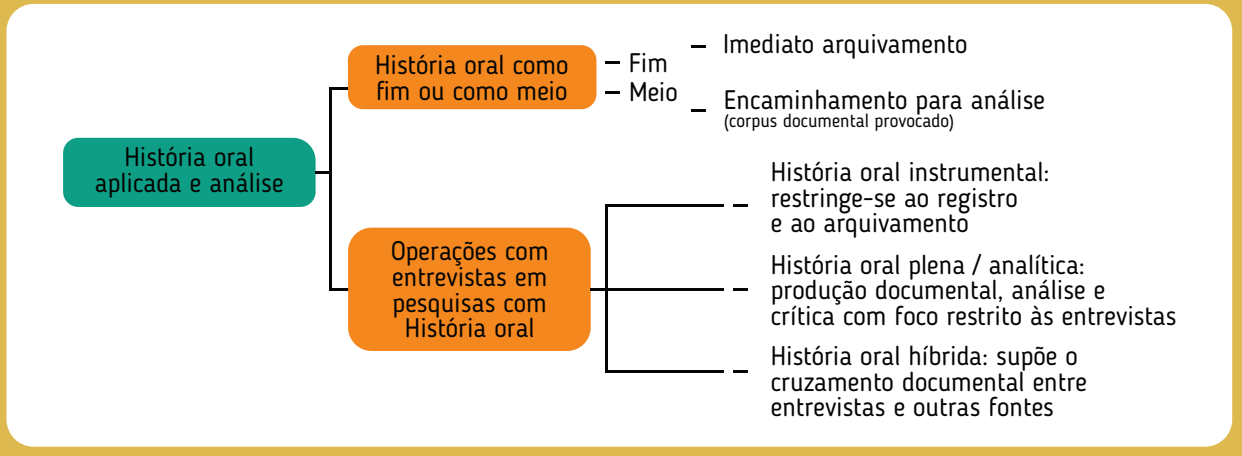
## A HISTÓRIA ORAL APLICADA, ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA AUTORAL

Etapa 6

Após o tratamento da entrevista, consolida-se o documento. Este pode ser arquivado imediatamente ou analisado por alunos e alunas com as devidas orientações docentes. Nesta penúltima etapa, após produzir os documentos históricos, é preciso adotar procedimentos que os ajudem a:

- Situar os fatos numa lógica temporal;
- Selecionar;
- Identificar;
- Comparar;
- Contextualizar;
- Interpretar;
- Exercer a crítica do documento (análise);
- Descrever;
- Mobilizar representações sociais que compõem seus saberes prévios;
- Produzir conhecimento histórico a partir das entrevistas;
- Sistematizar a escrita numa perspectiva autoral.

## SOBRE A HISTÓRIA ORAL



Essa possibilidade analítica torna a metodologia da história oral uma pedagogia valiosa no desenvolvimento da autoria.

Essa proposta alinhada com o Educar pela pesquisa considera fundamental o desenvolvimento da autoria dos alunos. Para além do protagonismo durante todo o processo é muito relevante que ao final eles possam produzir um gênero comunicativo fruto das suas análises e experiências com a pesquisa.

## VEJA ALGUMAS POSSIBILIDADES

- Painéis para exposição;
- Relatos de experiências;
- Um podcast;
- Um vídeo;
- Um livro impresso;
- Um E-book;
- Um artigo de opinião;
- Um artigo científico;
- Um roteiro para peça teatral;
- Um blog com textos, imagens e vídeos;
- Uma página na rede social com textos de apresentações das publicações de vídeos e imagens.

## DEVOLUÇÃO SOCIAL PARA OS COLABORADORES

Etapa 7

É importante que as devoluções aconteçam em pelo menos dois momentos: após a transcrição da entrevista, para que o colaborador possa analisar e aprovar ou não; e ao final, quando os produtos estiverem prontos.

# 7. O PROJETO AQUILOMBAR MEMÓRIA: APLICAÇÃO E AUTORIA

As etapas apresentadas nesta cartilha foram utilizadas no projeto Aquilombar Memórias. Seguindo um padrão comum nas pesquisas, a primeiro passo foi o planejamento e a construção de parcerias e só depois a execução das etapas práticas.

O intuito da pesquisa foi buscar respostas para uma pergunta em particular: Quais memórias e narrativas ajudam a conhecer a formação, a cultura e as marcas de resistência e identidade da comunidade quilombola do Agreste?

A problematização buscou compreender melhor a comunidade quilombola a partir dos acontecimentos, dos personagens e dos lugares de memória que marcam a trajetória do povo do Agreste. Ao aplicar os procedimentos da metodologia da história oral buscando responder tal inquietação, desenvolveu-se a perspectiva do educar pela pesquisa.

O projeto foi desenvolvido em dois trimestres. O tempo foi um fator fundamental para conseguir desenvolver todas as etapas da pesquisa.

Os passos foram lentos e graduais. Os alunos foram divididos em 3 (três) grupos com no máximo de 9 (nove) componentes na primeira etapa; e na segunda etapa 6 (seis) grupos com no máximo 5 (cinco) componentes. Em cada um dos blocos os grupos tiveram líderes eleitos pelos colegas. Assim, uma das estratégias foi criar a possibilidade de coorientação. Em cada grupo um aluno, líder ou não, poderia ser coorientador da pesquisa caso em seu grupo tivesse colegas com dificuldades de desenvolver as atividades após as orientações.

Para diminuir os riscos de desmobilização dos alunos em função do tempo de duração, o projeto contou com duas etapas, cada uma gerando um produto. O primeiro, a transcrição da entrevista dentro das orientações para arquivamento; e o segundo, a produção de um artigo científico a partir das memórias e narrativas captadas nas entrevistas.

Todo o percurso da pesquisa foi muito produtivo. Mas foi especialmente desafiador o desenvolvimento da autoria. Os alunos produziram artigos qualificados e desenvolveram procedimentos analíticos enriquecedores a partir das entrevistas transcritas. Para saber mais acesse os links do YouTube que estamos disponibilizando. Aqui você poderá acompanhar depoimentos dos alunos, dos entrevistados e do professor Lauro Roberto sobre o desenvolvimento do projeto.

## PROJETO AQUILOMBAR MEMÓRIAS

Aplicado na disciplina de História.
Professor Lauro Roberto
Turmas do 9º ano
Escola Municipal Alvina Rocha
em Seabra/BA

## TEMA

Comunidades quilombolas de Seabra:
Origens, memórias e identidade

**Gênero narrativo**
História oral temática

**Comunidade de destino**
Quilombolas das comunidades do município de Seabra

**Colônia**
Quilombolas da comunidade do Agreste

**Rede**
Homens e mulheres que ocupam funções de liderança na comunidade.

**Objetivo geral:**
Conhecer e registrar memórias e narrativas da comunidade quilombola do Agreste por meio da metodologia da história oral;

**Objetivos específicos:**
1. Conhecer a origem da comunidade e seu processo de reconhecimento como quilombola;
2. Conhecer aspectos relacionados com educação, cultura e identidade;
3. Identificar marcas de resistência e lideranças de mulheres quilombolas;
4. Produzir documento histórico por meio das entrevistas;
5. Produzir conhecimento histórico por meio das análises dos documentos;
6. Desenvolver autoria por meio da produção de textos científicos;
7. Devolver aos colaboradores os resultados da pesquisa - entrevistas transcritas e produções autorais decorrentes delas;

## PARA SABER +

- Projeto Aquilombar Memórias: depoimentos dos alunos;
- Colaboradora: Dona Jandira Pereira Aquilombar Memórias;
- Colaboradora: Carmelice projeto Aquilombar Memórias 2021;
- Depoimento de seu Raimundo Januário Projeto Aquilombar Memórias;
- Apresentação de Daiane e Thaila Artigo produzido no projeto Aquilombar Memória;
- Instagram do projeto: aquilombar_memórias.

# 8. Ufa! Chegamos ao fim.

Vamos nos despedir apresentando a vocês dois personagens que contribuiram muito com o projeto "Aquilombar Memórias''. Estamos falando de seu Raimundo Januário, que está representado na capa da nossa cartilha, e Dona Carmelice, que vocês podem ver logo abaixo representada.

Em nome deles, queremos agradecer a todas as pessoas que colaboraram com o projeto.

Agradecemos também ao artista Pedro Lima, pela pintura dos nossos colaboradores, José Lázaro Nunes, pela diagramação e ao professor Dr. Joaquim Tavares da Conceição, por todas as contribuições, e em especial a todos os alunos da Escola Alvina Rocha que aceitaram o desafio de contribuir com a pesquisa como princípio educativo e científico.

# REFERÊNCIAS


ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALVES, Luís Alberto Marques. Epistemologia e Ensino da História. Revista História Hoje, v. 5, n. 9, p. 9-30, 2016. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/229/164. Acesso em: 18 jun. 2021.

BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: O que é, como se faz. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO Maria Lucia Mendes de e RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado História Oral na Educação: memórias e identidades. Temas Transversal. Cetec Capacitações. São Paulo.2013. Disponível em: http://www.cpscetec.com.br/memorias/historiaoral.pdf . Acesso em 12/02/2022.

DEMO, Pedro. Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino e comprometer-se com a aprendizagem do estudante. [recurso eletrônico] Campo Grande- MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes, FRANCO, Renato. Aprendendo história: reflexão e ensino. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína; (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar história. 1. ed. Belo Horizonte. Dimensão, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). Repensando o Ensino de História. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 26-46.A, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. Memórias e narrativas: História oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MOÇO, Anderson; MARTINS, Ana Rita. Como ensinar por meio da pesquisa. Nova Escola, Edição 237, 01 de novembro de 2010. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1483/como-ensinar-por-meio-da-pesquisa. Acesso em: 20 ago. 2021.

MORAES, Roque. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina do Rosário (org.). Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan Güntzel. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina do Rosário. Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941. Acesso em: 5 jan. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silencio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz, 2026 (coleção Ideias)

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. História oral na sala de aula. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Práticas Docentes).

SILVA, K. V. e SILVA, M. H. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005